Jéssica Lorensetti Bueno

A SÍNDROME DO TERCEIRO SET NO VOLEIBOL FEMININO DE ALTO RENDIMENTO

Campinas
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JÉSSICA LORENSETTI BUENO

A SÍNDROME DO TERCEIRO SET NO VOLEIBOL FEMININO DE ALTO RENDIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharela/Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Teixeira Fernandes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA DEFENDIDA PELA ALUNA JÉSSICA LORENSETTI BUENO E ORIENTADORA PROFA. DRA. PAULA TEIXEIRA FERNANDES.

_____
Assinatura da Orientadora

Campinas
2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

B862s

Bueno, Jéssica Lorensetti, 1991-
A síndrome do terceiro set no voleibol feminino de alto rendimento / Jéssica Lorensetti Bueno. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Paula Teixeira Fernandes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Voleibol. 2. Psicologia do esporte. 3. Desempenho. I. Fernandes, Paula Teixeira. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The third set syndrome in high-performance women's volleyball
Palavras-chave em inglês:
Volleyball
Sports Phychology
Performance
Titulação: Bacharel
Banca examinadora:
Sergio Settani Giglio
Data de entrega do trabalho definitivo: 27-11-2015

DEDICATÓRIA

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim.

Em especial à minha mãe e meu pai, Ivone Lorensetti Bueno e Eugênio Bueno Filho, que durante o tempo que estiverem em minha vida me ensinaram que correr atrás dos meus sonhos era o caminho para felicidade. Por sempre me apoiarem e me darem forças para não desistir, mesmo quando a estrada se tornou pesada. E hoje, mesmo não estando mais entre nós, sei que estão felizes e orgulhosos por ver seus ensinamentos darem frutos. Muito obrigada por tudo parece ainda pouco diante de tudo que fizeram para mim, mas não encontro outras palavras para expressar esse sentimento tão grande. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida. Não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode conhecer.

À Faculdade de Educação Física da UNICAMP que me deu a base para intrigar-me e buscar o conhecimento nesta ampla área da Educação Física e, assim, me firmar como uma profissional digna e obstinada.

Agradeço à Profa. Dra. Paula Teixeira Fernandes que assim que ouviu sobre esse tema, aceitou embarcar nessa viagem a um caminho tortuoso, mas cheios de prazeres inexplorados. Obrigada por confiar nessa minha ideia e me orientar durante todo o caminho.

Agradeço, também, à aquele que a universidade me apresentou como amigo e em alguns anos se transformou em meu companheiro, Denian Marques Penteado. Obrigada por aturar minhas loucuras e conversas intermináveis sobre as minhas teorias, assistir os jogos comigo e ouvir meus surtos quieto, apenas para me incentivar. Amo muito você.

E, por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha família, por todo o apoio e suporte que me deram. Aos meus pais, Ivone Lorensetti Bueno e Eugênio Bueno Filho, pela vida e pela criação que me deram, me fazendo chegar aqui hoje, obrigada mãe por me viciar no voleibol e incitar em mim a dúvida sobre esse tema em particular. Às minhas irmãs, Jaqueline Lorensetti Bueno e Jennifer Lorensetti Bueno, por também me instigarem com esse tema e, acima de tudo, aceitarem ceder a televisão para que eu acompanhasse os jogos e aturar os meus gritos e xingos logo pela manhã vendo-os. Agradeço a vocês, também, pelo grande apoio que me deram nessa reta final, não passamos por momentos fáceis, mas juntas conseguimos superar e hoje posso entregar esse trabalho graças ao suporte de vocês, muito obrigada! Amo vocês!!

"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém *pensou sobre aquilo que todo mundo vê".*

(Arthur Schopenhauer)

BUENO, Jéssica Lorensetti. **A Síndrome do Terceiro Set no Voleibol Feminino de Alto Rendimento**. 2005. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RESUMO

Segundo a lógica interna do voleibol, o término do jogo ocorre quando uma das equipes obtém a vitória em três sets. Como qualquer equipe pode ganhar qualquer um dos sets, é possível afirmar que o jogo de voleibol é constituído por até cinco "micro-jogos", sendo estes independentes entre si, pois um set não influencia o outro de maneira direta, e as equipes podem apresentar rendimento diferenciado em cada set. Desse modo, entendemos que a Síndrome do Terceiro Set (STS) ocorre em uma partida em que, uma das equipes vence os dois primeiros sets da partida, mas sofre uma queda de rendimento no terceiro set (que seria o decisivo), perdendo o set e deixando que o jogo prossiga. Para entender melhor esse fenômeno foi realizada uma de análise estatística sobre os jogos da Superliga Feminina de Voleibol (SFV) e uma coletas de dados com atletas de categorias de base infanto-juvenil do clube Sociedade Hípica Campinas (SHC) após um jogo em que houve STS. Para a análise da prevalência de derrotas no terceiro set nas temporadas da SFV, foi realizada análise documental, enquanto que para a coleta de dados da SHC, foi aplicado um questionário para se avaliar os fatores psicológicos mais influentes. Na Superliga Feminina, o percentual de jogos em que houve STS variou de 10,47% a 15,92% dos jogos e, com base nos dados coletados, houveram evidências estatísticas de que a derrota no terceiro set afeta as chances de vitórias na partida, além do esperado pela vantagem técnica entre as equipes, assumindo que os resultados dos sets são independentes. Segundo as atletas da SHC, as três situações que mais tiveram influência no desempenho da equipe no terceiro set foram os erros no início do jogo; erros no final do jogo e pressão de si mesma para vencer. Em compensação, as condições inadequadas de treino; já ter perdido para o mesmo adversário e excesso de treino foram fatores que não tiveram influência no desempenho das atletas. Para elas, a ocorrência da STS é devido ao "relaxamento" por achar que o jogo está ganho e que a equipe adversária não representa mais um perigo para a vitória. A partir dos dados estudados, podemos afirmar que, realmente existe sim uma STS e que a derrota no terceiro set influencia no resultado dos outros sets. Estudos futuros devem ser realizados para que seja possível detectar quais são os fatores que estejam efetivamente influenciando os atletas e causando a sua derrota no terceiro set e, com estes dados a mais, propor estratégias de treinamento que visem a minimização dos fatores psicológicos neste importante momento do jogo.

Palavras-Chaves: Voleibol, Terceiro Set, Psicologia do Voleibol, Desempenho

BUENO, Jessica Lorensetti. **The third set syndrome in high-performance women's volleyball.** 2015. 61f. Monograph (Graduate in Physical Education) - School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2015.

ABSTRACT

According to the volleyball internal logics, a match reaches its end when one of the teams obtains victory in three sets. As any team is able to win any set, it is possible to affirm that a volleyball match is composed by up to five "micro-matches", each one of them being independent from each other, after all a set doesn't affect other in a direct way, and the teams might present different performances in each set. This way, we understand that the Third Set Syndrome (TSS) occurs in a match when one of the teams wins the first two sets and suffers a decrease in their performance during the third set (which would be the decisive one), losing this set and letting the match continue. For a better understanding of this circumstance, statistical analysis has been conducted on matches from the "Super Liga Feminina de Vôlei" (SFV) and data have been collected from "Sociedade Hípica de Campinas" (SHC) youth team after a match when the TSS happened. For the analysis of the defeat prevalence on third sets during the SFV season, a documental analysis has been conducted; while for SHC's data collection, a questionnaire has been applied to evaluate psychological factors that might have influenced their performance. On the SFV, the percentage of matches where TSS occurred varied from 10,47% to 15,92% of the matches and, based on the collected data, there was statistic evidence showing that a defeat during the third set affects the chances of victory in the match, beyond what was expected, considering the technical advantages between the teams, and considering that each set result is independent. According to SHC's athletes, the three factors that had more influence in their team performance during the third set were: errors during the beginning of the match, errors during the end of the match and their own pressure to win. On the other hand, inadequate training conditions, having lost to the same opponent before and training in excess where factors that did not had any influence on the athletes performance. They think that TSS is a result from them "relaxing" for thinking that the match is already won and that the opposing team no longer represents a threat to their victory. From the analysed data, we can affirm that there is, in fact, a TSS and that losing the third set influences the results in the following sets. Further studies may be conducted so it will be possible to detect which are the factors that might be effectively influencing the athletes and causing their defeat on the 3rd set and, with this extra data, to come up with new training strategies focused on minimising psychological factors during this important moment in the game.

Palavras-Chaves: Volleyball, Third Set, Psychology Volleyball, Performance

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Possíveis resultados de jogos com VVD. 23
Quadro 2. Número de jogadas realizadas pela SHC nos fundamentos do saque, ataque e bloqueio, de acordo com o set 29
Quadro 3. Número de pontos obtidos pela SCH por mérito, cedidos pelo adversário e dados para o adversário de acordo com o set. 29
Quadro 4. Fatores que mais influenciaram no resultado da partida. 30
Quadro 5. Aspectos a serem melhorados para a próxima partida. (continua) 30
Quadro 5. Aspectos a serem melhorados para a próxima partida. (conclusão).....31
Quadro 6. Situações de influência sobre o desempenho das atletas. (continua) 31
Quadro 6. Situações de influência sobre o desempenho das atletas. (conclusão) 32
Quadro 7. Definição de STS de acordo com as atletas. (continua) 34
Quadro 7. Definição de STS de acordo com as atletas. (continuação).....35
Quadro 8. Comentários sobre o jogo ou sobre seu desempenho. (continua).....35
Quadro 8. Comentários sobre o jogo ou sobre seu desempenho. (continuação) 36
Quadro 9. Situações causadoras de estresse em atletas adultos. (continua) 42
Quadro 9. Situações causadoras de estresse em atletas adultos. (continuação) 43
Quadro 10. Situações causadoras de estresse em atletas infanto-juvenis. 43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Relação do número total de jogos da temporada, e o número total e percentual de jogos com VVD na Superliga Feminina. 27
Tabela 2. Total, Média e Desvio Padrão do número de jogos em que ocorreram VVD na Superliga Feminina. 28
Tabela 3. Nota de desempenho das atletas. 30
Tabela 4. Total e Percentual de situações de influência sobre o desempenho da equipe durante a partida. (continua) 33
Tabela 5. Comparação entre o número de jogos esperados e observados para VVDV e VVDDD na Superliga Feminina. 38

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
FEF	Faculdade de Educação Física
FPV	Federação Paulista de Voleibol
SFV	Superliga Feminina de Voleibol
SHC	Sociedade Hípica Campinas
STS	Síndrome do Terceiro Set
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
VIS	Volleyball Information System
VVD	Vitória-Vitória-Derrota
VVDDD	Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Derrota
VVDDV	Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Vitória
VVDV	Vitória-Vitória-Derrota-Vitória

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
1.1. O Voleibol 13
1.2. A Síndrome do Terceiro Set (STS) no Voleibol 15
1.3. Psicologia do Esporte 15
1.4. Psicologia do Esporte e Síndrome do Terceiro Set 17
2. OBJETIVOS 20
2.1. Objetivo geral 20
2.2. Objetivos específicos 20
3. HIPÓTESES 21
4. MÉTODOS 22
4.1. Análise estatística da SFV 22
4.2. Coleta de Dados - SHC 23
4.2.1. Participantes 23
4.2.2. Instrumentos 24
4.2.3. Procedimentos 26
5. RESULTADOS 27
5.1. A Superliga 27
5.2. Coleta de dados na Sociedade Hípica de Campinas 28
6. DISCUSSÃO 37
6.1. Modelo Combinatório para estudo da STS 37
6.2. STS à luz da teoria 39
7. CONCLUSÕES 48
REFERÊNCIAS 50
ANEXOS 54
Anexo 1: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas 55
Anexo 2: Questionário 59

1. INTRODUÇÃO

No atual mundo esportivo, todos estão focados para alcançar o maior número de vitórias possíveis, fazendo com que as oportunidades de insucesso se tornem alvo de estudos criteriosos à luz das explicações do esporte e da Psicologia, formando assim uma rede equilibrada em busca de um desenvolvimento autônomo e acelerado do treinamento esportivo (BRANDÃO & MACHADO, 2007).

É de conhecimento público que cada modalidade apresenta suas características próprias, bem como seu planejamento de treino referente às exigências nos aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos. A periodização de treinamento de cada modalidade visa alcançar resultados satisfatórios durante as competições que determinada equipe optar por disputar. Para tal, é necessário um acompanhamento de todas as variáveis do treinamento (técnico, tático, físico e psicológico) que estão associadas ao rendimento dos jogadores durante o estágio de competição. Contudo, o que tem se observado é que a comissão técnica foca sua atenção nos componentes técnico, tático e físico, oferecendo pouco ou quase nenhum enfoque nos fatores psicológicos (MORAES, 2007).

Isso se deve, segundo Hahn (1982), à crença dos treinadores de que o controle emocional não é treinável, e sim um problema particular do atleta. Entretanto, Dos Santos & Shigunov (2000) ressaltam que a preparação psicológica seria até mais importante que a preparação dos demais componentes do treinamento, uma vez que, estar fisicamente bem, com um alto nível técnico e tático não serão suficientes, se as influências psicológicas forem capazes de reduzir o desempenho do atleta. Sendo assim, vários autores mostram a importância de se conhecer a influência dos fatores psicológicos no rendimento esportivo e sua possível treinabilidade (BEÇA, 2010, BUENO & DI BONIFÁCIO, 2007; DESCHAMPS & DE ROSE JUNIOR, 2006; GOUVÊA et.al., 2007; MARCELINO, et.al., 2010).

Corroborando com essa ideia, Samulski (2007) afirma que para se ter sucesso no esporte, é preciso uma combinação dos aspectos biológicos, psicológicos, culturais e sociais, permitindo que o atleta consiga transpassar as barreiras que o esporte impõe até o estágio máximo.

Uma vez que o ambiente competitivo possui um alto nível de disputa, a equipe melhor preparada em todos os aspectos da modalidade (técnico, tático, físico e psicológico) conseguirá manter um alto nível de rendimento durante todo o campeonato. Com isso, este trabalho visou quantificar a prevalência de derrotas no terceiro set e verificar quais as variáveis psicológicas que mais afetam as equipes diante desse set decisivo, tornando-se uma análise de extrema importância para se alcançar resultados mais satisfatórios e garantir um melhor planejamento e estruturação de treino psicológico para os atletas.

1.1. O Voleibol

Antes de tudo, é preciso compreender as exigências da modalidade. O voleibol foi criado, oficialmente, por Willian George Morgan em 1895, no estado de Massachusetts nos Estados Unidos da América. A ideia surgiu a partir da demanda de um jogo que pudesse ser praticado por indivíduos de meia idade dentro dos ginásios durante o inverno (BIZZOCCHI, 2008).

Segundo Bizzocchi (2008), até a Segunda Guerra Mundial, o voleibol era visto como um esporte recreativo, praticado por mulheres e pessoas de meia idade. No entanto, os soldados norte-americanos começaram a praticá-los em torneios entre as tropas, tornando o voleibol um jogo mais vigoroso e dinâmico, exigindo melhores condições técnicas e físicas.

É considerado o esporte que mais aceita modificações, na busca de torná-lo mais dinâmico e agradável ao público, menos cansativo para os jogadores e mais interessante para a transmissão de jogos pelos meios de comunicação.

Conforme Borsari (1989), o voleibol é desenvolvido em uma quadra retangular, plana, horizontal, medindo 18 metros de comprimento por 9 metros de largura, estando livre de qualquer obstáculo até uma altura de 7 metros. As equipes são separadas por uma linha no solo e uma rede suspensa que varia em altura, conforme a categoria dos praticantes.

A partida de voleibol é disputada em melhor de cinco sets, sendo os quatro primeiros sets de 25 pontos e o último set, chamado de tie-break, de 15 pontos. É necessária uma diferença mínima de dois pontos para que a equipe seja considerada

vencedora do set (UGRINOWITSCH & UEHARA, 2006). Para conseguir pontuar, é preciso que uma equipe faça com que a bola caia no campo do adversário ou toque no adversário e saia do campo de jogo ou force o erro do adversário, dispondo de no máximo três toques, além do contato com o bloqueio. Nas regras atuais, conforme a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), os atletas podem utilizar quaisquer partes do corpo para tocar na bola, porém sem agarrá-la ou conduzi-la.

Segundo a lógica interna do voleibol, o término do jogo ocorre quando uma das equipes obtém a vitória em três sets. Como qualquer equipe pode ganhar qualquer um dos sets, é possível afirmar que o jogo de voleibol é constituído por até cinco "micro-jogos" (MARCELINO et.al., 2009). Esses "micro-jogos" são independentes entre si, pois um set não influencia o outro de maneira direta, e as equipes podem apresentar rendimento diferenciado em cada set.

De acordo com Silva e colaboradores (2004), o voleibol é um dos esportes mais praticados do mundo, onde se faz necessário que os atletas permaneçam durante um longo período de tempo com alto nível de ativação física e psíquica.

Noce, Greco e Samulski (1997) comentam ainda que o voleibol é uma modalidade esportiva extremamente dinâmica, que requer habilidade motora, precisão e muita regularidade na execução dos seus fundamentos, domínio de diferentes combinações de jogadas e raciocínio rápido, caracterizando um conjunto de exigências que podem gerar situações bastante estressantes. Feijó (1998) relata que o voleibol extrapola todos os outros esportes coletivos quando se trata da questão psicológica, uma vez que a equipe não tem contato físico com a adversária e o espaço a ser ocupado pelas equipes é delimitado por uma rede, não podendo ser invadido.

O desempenho no voleibol está relacionado com os quatro componentes do treinamento: técnico, tático, físico e psicológico. Verifica-se que o treino físico, técnico e tático prepara os atletas para um determinado nível de rendimento, mas o preparo psicológico dos atletas para lidarem com o stress e a ansiedade gerados é de grande importância (ABRANTES, 2007). Uma vez que o Brasil se constitui como uma das maiores potências nesse esporte, é justificado a necessidade e o interesse em se conhecer as características psicológicas desse esporte (BARA FILHO, 2004).

1.2. A Síndrome do Terceiro Set (STS) no Voleibol

Atualmente, no jogo de voleibol, vem se tornando mais frequente a situação conhecida como "Síndrome do Terceiro Set" (STS). Entende-se que a STS ocorre em uma partida em que, uma das equipes apresenta alto nível físico, técnico e tático nos dois primeiros sets da partida e, consequentemente, a vitória nestes, mas sofre uma queda de rendimento no terceiro set (que seria o decisivo), perdendo o set e deixando que o jogo prossiga. Através dessa queda de rendimento existem três resultados possíveis na partida: a equipe que sofreu a STS se recupera no set seguinte e fecha o jogo em 3 sets a 1; ou essa equipe não consegue se recuperar e permite que o jogo vá ao tie-break (set decisivo) e, nesse set ganha a partida (3 sets a 2); ou, por fim, deixa o jogo chegar ao tie-break e perde a partida (2 sets a 3).

Embora essa temática seja de conhecimento de atletas e comissão técnica, ainda não é debatida no campo prático e nem no teórico. No campo prático, evita-se o debate para que não haja influência sobre o rendimento dos atletas; já no campo teórico, não é encontrada nenhuma publicação que faça alusão a essa temática. Nesse sentido, sabendo que considerável número de jogos apresenta esse fenômeno, é necessário expandir a discussão sobre o tema a fim de melhorar o rendimento dos atletas e, consequentemente, diminuir a prevalência de jogos com derrota no terceiro set.

1.3. Psicologia do Esporte

A Psicologia do Esporte analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando as análises dos processos químicos básicos (cognição, motivação, emoção) e a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção (NITSCH, 1989).

A história da Psicologia do Esporte e do Exercício tem seu início no século XX. O primeiro período, chamado de primeiros anos, (1985-1920) é caracterizado por estudos isolados. O segundo período é conhecido do Era de Griffith (1921-1938), por ter sido Coleman Griffith o primeiro norte-americano a se especializar na área. O terceiro período, preparação para o futuro (1939-1965), é caracterizado pelo desenvolvimento científico do campo, devido ao empenho de Franklin Henry. No quarto período (1969-1977), ocorre o estabelecimento da disciplina acadêmica,

tornando-se importante componente dos cursos de psicologia e educação física. É no quinto período (1978-2000) que a relação entre ciência e prática se torna multidisciplinar, devido a um enorme crescimento desse campo de estudo, tornando-se mais aceito e respeitado pelo público. O período final da psicologia do esporte e do exercício contemporâneo (2000 até os dias atuais) distingue-se pelo crescimento incessante em todo o mundo, em busca de pesquisas e interesses em aplicação e consultoria (WEINBERG & GOULD, 2008).

A maioria das pessoas que estuda a Psicologia do Esporte e do Exercício procura entender como os fatores psicológicos afetam o desempenho físico de um indivíduo e como a participação em esportes e exercícios afetam o desenvolvimento psicológico, a saúde e o bem-estar de uma pessoa. Sendo assim, busca entender e ajudar pessoas que praticam atividade física, atletas de alto rendimento, jovens, pessoas com necessidades especiais, idosos e praticantes em geral a atingirem seu desempenho máximo, satisfação pessoal e desenvolvimento por meio da participação em esportes e exercícios físicos (WEINBERG & GOULD, 2008).

Segundo Samulski (2002), a Psicologia do Esporte aplicada ao esporte de alto rendimento tem como principal objetivo analisar e modificar os fatores psicológicos determinantes do desempenho no esporte, visando a melhora do rendimento e a otimização do processo de recuperação.

De maneira geral, há diversos fatores psicológicos que podem influenciar o rendimento dos atletas, entre os quais podemos citar: motivação, ansiedade, atenção, concentração, agressividade e estresse (DE ROSE JUNIOR, 2004). Abrantes (2007) revela que a maioria das derrotas no mundo do esporte é justificada pela dificuldade de controlar as emoções negativas, como a ansiedade e o estresse, por exemplo, que são considerados fatores perturbadores do rendimento dos atletas.

Nesse sentido, compreender como esses fatores influenciam o desempenho do atleta, torna-se fundamental para que se possam estabelecer medidas adequadas para o treinamento de habilidades psicológicas para cada indivíduo, de modo a melhorar seu rendimento atlético e pessoal (HERNÁNDEZ-ARDIETA et.al., 2002; WEINBERG & GOULD, 1995).

No estudo de Gouvêa et. al. (2004), foram analisadas as condições e situações que pareciam afetar o rendimento de jovens atletas de voleibol nas disputas de

jogos. Para isso, foram avaliados 136 atletas (80 jogadores do sexo feminino e 56 jogadores do sexo masculino) integrantes da categoria infanto-junvenil (15 a 17 anos) de diversas equipes do estado de São Paulo. Constatou-se que as situações específicas de jogo que causam maior carga psíquica nos atletas são semelhantes entre os dois gêneros. Foi indicado que o fator "torcida" não era um obstáculo ao desempenho, pois suas habilidades são suficientes para avaliar esse fator como neutro ou favorável. Também foi indicado que a relação com o técnico e estar em boas condições físicas são aspectos fundamentais e favoráveis ao desempenho do atleta. Além disso, foi destacada a influência do conflito entre componentes da equipe e ansiedade como fontes de carga psíquica para os jogadores dessa faixa etária.

Já Noce & Samulski (2002) analisaram o estresse psíquico em atacantes de voleibol em alto nível, buscando identificar as situações mais críticas para seus atacantes e verificar as técnicas mais eficientes de controle de estresse utilizadas para eliminar ou minimizar os efeitos dessas situações. Para tal, participaram do estudo 190 atletas (118 homens e 72 mulheres) de 18 equipes de voleibol participantes da Superliga de Voleibol. A conclusão mostrou que a situação mais estressante para o grupo foi o fato de o levantador não confiar no atacante. Além disso, as mulheres se mostraram mais estressadas ao terem que enfrentar um bloqueio forte em momentos decisivos da partida. Para os homens, estar em desvantagem após 25 minutos de partida foi considerado mais estressante. E, para ambos os gêneros, o comportamento de controle mais utilizado foi sempre tentar tranquilizar-se.

1.4. Psicologia do Esporte e Síndrome do Terceiro Set

É no terceiro set que a partida de vôlei começa a ganhar traços de decisão. No entanto, seja no início ou na metade do set, há algum fator que se sobressai sobre os demais, culminando na derrota da equipe no set, após os dois primeiros sets com vitória. Assim, o resultado da partida poderá ser determinado pela capacidade de resiliência da equipe para ser incentivada a buscar a vitória.

Neste momento do jogo, onde as equipes passam a apresentar as mesmas condições físicas, técnicas e táticas, o que passa a determinar o vencedor será a condição psicológica. Uma vez que o raciocínio e o rendimento dos atletas são afetados

diretamente pelas emoções, podem aparecer reações variáveis e contrárias: excitação/relaxamento, tensão/inibição, vontade/apatia (BIZZOCHI, 2008).

Segundo Bizzochi (2008), existem diferentes situações que podem levar o jogador ao estresse, dentre os quais podemos citar: tolerância ao cansaço físico, barulho, iluminação, dor, erros de arbitragem, críticas, torcida, entre outros. Esse estresse apenas será considerado benéfico quando for controlado e convertido em energia para superar as adversidades do jogo. No entanto, quando esse estresse ultrapassa os limites de controle do atleta, pode distorcer o bom senso e a tomada de decisão. Por isso, é necessário que sejam desenvolvidos nos atletas fatores psicológicos, como concentração, força de vontade, motivação, controle do estresse, união e comunicação (BIZZOCHI, 2008).

Para Bizzochi (2008), existem situações durante o jogo de voleibol que devem ser atentadas e trabalhadas para minimizar a queda de rendimento dos atletas, são elas:

1. Alta intensidade em jogos decisivos ou em determinados momentos do jogo;
2. Baixa intensidade em jogos fáceis ou em determinados momentos do jogo;
3. Má administração da energia durante os sets;
4. Queda da capacidade de luta durante o jogo;
5. Medo do fracasso ou do sucesso;
6. Acomodação após vantagem no placar;
7. Perda do raciocínio lógico durante os momentos mais tensos;
8. Convivência com a pressão externa (torcida);
9. Baixo rendimento em razão de problemas particulares extra quadras;
10. Ausência de tomada de decisões em jogadores sem passado vitorioso;
11. Baixa resistência ao estresse contínuo;
12. Fraca transferência do rendimento de treino para os jogos;
13. Transformação do erro em frustração;
14. Transformação do acerto em sublimação.

(BIZZOCHI, 2008, p. 253-254).

Essas situações, ainda segundo o autor, são acentuadas em determinados momentos na partida, podendo gerar intranquilidade ou insegurança no atleta e, assim, trazer consequências negativas ao seu rendimento. Os momentos apontados por Bizzochi (2008) são: primeiro saque de cada jogador, após um saque errado da própria equipe; após uma substituição ou pedido de tempo; depois de um longo ponto; em

momentos de alta intensidade (início e final se set); quando o jogador entra exclusivamente para sacar; depois que o melhor sacador adversário tenha acertado ou errado o saque e, todos os saques ao final do set.

A partir dessas situações levadas por Bizzochi (2008), é possível identificar algumas que possuem relação com a queda de rendimento durante a partida, como a baixa intensidade em determinados momentos do jogo, a má utilização de energia durante a partida, acomodação após vantagem no placar, transformação dos erros em frustração.

Portanto, uma vez que o ambiente competitivo possui um alto nível de disputa, a equipe mais bem preparada em todos os aspectos da modalidade (técnico, tático, físico e psicológico) conseguirá manter um alto nível de desempenho durante todo o campeonato. Com isso, quantificar a prevalência de derrotas no terceiro set e verificar quais as variáveis psicológicas que mais afetam as equipes diante desse set decisivos, torna-se uma análise de extrema importância para se alcançar resultados mais satisfatórios e garantir um melhor planejamento e estruturação de treino psicológico para os atletas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

- Avaliar a prevalência de derrotas das equipes de voleibol no terceiro set, através de uma análise documental das súmulas oficiais disponibilizadas pela Confederação Brasileira de Voleibol em diferentes temporadas da Superliga Feminina de Voleibol.
- Avaliar os fatores psicológicos, segundo atletas das categorias de base de clubes de voleibol, que mais influenciam na queda de rendimento durante o terceiro set de uma partida.

2.2. Objetivos específicos

- Avaliar a prevalência de derrotas no terceiro set em diversas temporadas da Superliga Feminina de Voleibol.
- Verificar se as maiores influências são internas ou externas ao atleta.

3. HIPÓTESES

Segundo JONES & HARDY (1990), o desempenho esportivo resulta de três fatores: fisiológicos, biomecânicos e psicológicos. Os fatores fisiológicos dizem respeito aos aspectos da preparação física, suportando diferentes cargas físicas provenientes do evento competitivo. Os fatores biomecânicos referem-se à execução de gestos específicos de cada esporte. E, os fatores psicológicos são aqueles que podem interferir no rendimento do atleta e da equipe, independente da preparação física e da técnica do atleta.

Acreditamos que, uma vez que a equipe vence dois sets com elevado nível técnico e físico, o que poderia explicar a queda de desempenho no terceiro set está relacionado aos fatores psicológicos internos e/ou externos que afetam significativamente o atleta.

Nesse sentido, concordamos com ORLICK (2000) que afirma que se o jogador não for capaz de controlar e canalizar suas emoções, seu rendimento estará comprometido.

4. MÉTODOS

A fim de atingir todos os objetivos estipulados, o trabalho foi dividido em duas partes: uma de análise estatística sobre os jogos da Superliga Feminina de Voleibol (SFV) e, a segunda, de coletas de dados com atletas de categorias de base infanto-juvenil do clube Sociedade Hípica Campinas (SHC) após um jogo em que houve a derrota no terceiro set após o ganho dos dois primeiros sets.

A escolha desses dois métodos se baseou na prerrogativa de demonstrar, primeiramente, a prevalência dos jogos com síndrome do terceiro set dentro do cenário nacional e, a partir do estudo de caso da equipe SHC, entender quais os possíveis fatores que influenciam esse fenômeno.

4.1. Análise estatística da SFV

Para a análise da prevalência de derrotas no terceiro set nas temporadas da SFV, foi realizada análise documental, caracterizada na literatura pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento analítico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação (OLIVEIRA, 2007). Este método de coleta de dados suprime a casualidade de qualquer influência - presença ou intervenção do pesquisador - do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, invalidando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida (SÁ-SILVA et al., 2009).

Para o presente estudo, foram analisados somente os jogos com derrotas no terceiro set, que neste trabalho, denotaremos para este evento a sigla VVD (Vitória-Vitória-Derrota), aqueles em que uma equipe apresenta vitória nos dois primeiros sets e perde o terceiro set, independente do resultado final da partida (Quadro 1). Qualquer outro resultado, como por exemplo, jogo terminado em três sets a zero ou três a dois com alternância de vitória nos sets, foi considerado como jogos em que não houve VVD, e assim não foram analisados no presente estudo.

A prevalência de derrotas no terceiro set foi averiguada através dos resultados obtidos nas súmulas dos jogos dada Superliga Nacional de Voleibol que ocorreram de 2005 a 2014, perfazendo um total de 1.247 jogos na categoria feminina.

Esse recorte foi realizado, uma vez que, são essas as temporadas disponíveis no site da CBV, sendo assim, qualquer um pode fazer o acesso a essas informações, através dos seguintes passos, dentro do site da CBV: Home > Superliga > Outras Edições > Edição (2005 a 2014) > Superliga Feminina > Tabelas e resultados.

Quadro 1. Possíveis resultados de jogos com VVD.

1º SET	2º SET	3º SET	4º SET	5º SET	Resultado Final
Vitória	Vitória	Derrota	Vitória		3x1 (VVDV)
Vitória	Vitória	Derrota	Derrota	Derrota	2x3 (VVDDD)
Vitória	Vitória	Derrota	Derrota	Vitória	3x2 (VVDDV)

Legenda: VVD: Vitória-Vitória-Derrota; **VVDV:** Vitória-Vitória-Derrota-Vitória; **VVDDD:** Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Derrota; **VVDDV:** Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Vitória.

Após a coleta de dados sobre os resultados dos jogos, foi feita uma tabulação de acordo com a temporada disputada. Nesses dados foram realizados foram realizados o Teste T de Student para dados pareados, ajuste de um Modelo Linear com distribuição binomial com ligação logística e Teste de Comparação Múltipla de Wald.

4.2. Coleta de Dados - SHC

4.2.1. Participantes

A coleta de dados foi realizada com a equipe de vôlei feminina do clube Sociedade Hípica Campinas, da categoria infanto-juvenil, com o consentimento das jogadoras e da comissão técnica, sendo as jogadoras voluntárias e, cientes de todo o processo. Elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual há a informação de que os dados coletados estarão sob resguardo cientifico e sigilo profissional.

A faixa etária das jogadoras varia de 17 a 19 anos e, se tratando de times de competição, os estados de saúde das mesmas não aparentaram nenhuma alteração, já que passam por exames clínicos periódicos durante a temporada.

Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram fazer parte do time de vôlei feminino da SHC da categoria infanto-juvenil (17 a 19 anos). Já como critério de exclusão, qualquer lesão durante a temporada, que obrigou a atleta a se afastar do time, foi levada em consideração, excluindo a jogadora do estudo. Vale a pena ressaltar, que essa suposta lesão seria advinda dos treinamentos e jogos da equipe, não havendo relação com os procedimentos da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, sob o parecer nº 709.846 e CAAE nº 32004714.3.0000.5404 (Anexo 1).

4.2.2. Instrumentos

Para a coleta de dados durante a pesquisa, foi realizado um questionário para se avaliar os fatores psicológicos mais influentes, com uma ficha de identificação e análise estatística dos fundamentos técnicos do time durante os jogos, como mostrado a seguir.

- Questionário e Ficha de Identificação (anexo 2): primeiro, as atletas responderam à perguntas básicas de identificação, como: nome, data de nascimento, escolaridade, tempo de atuação no clube e quando responderam às perguntas sobre a STC, informaram o jogo que estava sendo avaliado O questionário, elaborado para este trabalho, iniciou-se com a atribuição de uma nota de 0 a 10 para a sua atuação e da equipe no jogo. Foi perguntado qual o fator que, na opinião da atleta, mais influenciou no resultado da partida, assim como o que acredita ser necessário para melhorar seu rendimento no próximo jogo. Em seguida, foi apresentada uma tabela com 36 itens, na qual a atleta deveria informar o quanto essa situação teve influência sobre o seu desempenho na partida, assinalando de 1 a 3, sendo 1 equivalente muito, 2 nada e 3 pouco. Logo em seguida, elas responderam se acreditam na existência da síndrome do terceiro set e como definiriam essa síndrome. Por fim, foi deixado um espaço para que a atleta comentasse o que quisesse sobre o jogo, seu desempenho ou qualquer outro assunto que achasse pertinente.

- Estatística: análise dos aspectos técnicos da equipe durante os jogos através de filmagens realizados durante os jogos. Com a filmagem em mãos, o pesquisador vai realizar o scout da partida, focando-se, principalmente, nos

fundamentos que estão relacionados com o objetivo do jogo, ou seja, os fundamentos que pontuam: saque, ataque e bloqueio.

Para isso, fez-se uso do suporte instrumental do software "Volleyball Information System" (VIS). O instrumento é utilizado desde 1996 em todas as competições licenciadas pela FIVB e foi elaborado atendendo às recomendações da Comissão dos Mass Media.

De acordo com o VIS, os fundamentos acima citados, são analisados da seguinte maneira:

Saque:

- Positivo (+): a bola é sacada diretamente no chão da quadra adversária ou tocada pelo adversário sem ser mantida em jogo;

- Negativo (-): a bola cai fora da quadra adversária, bate na rede e cai na quadra do sacador ou o árbitro assinala uma falta cometida pelo mesmo;

- Ação (A): se a bola continuar em jogo após a recepção da equipe adversária, será automaticamente registrada uma AÇÃO, mesmo que a bola toque o bordo superior da rede.

Ataque:

- Positivo (+): bola no chão da quadra adversária ou é tocada pelo adversário que não consegue mantê-la em jogo. Será considerado ataque positivo quando um segundo jogador da equipe adversária não conseguir manter a bola em jogo;

- Negativo (-): a bola é bloqueada com sucesso, cortada para fora, atacada na rede, penalizada com falta do atacante ou qualquer outra falta;

- Ação (A): a bola continua em jogo após uma jogada de ataque.

Bloqueio:

- Positivo (+): a bola é bloqueada direto para o chão da quadra adversária ou tocada pelo adversário que não consegue mantê-la em jogo;

- Negativo (-): a bola sai da quadra após tocar no bloqueio ou não é mantida em jogo por sua equipe, ou o jogador comete falta assinalada pelo árbitro (rede, invasão);

- Ação (A): se a bola for mantida em jogo depois de tocada por um dos bloqueadores, será automaticamente registrada uma ação.

4.2.3. Procedimentos

O questionário, em conjunto com a ficha de identificação, foram aplicados nas jogadoras dos clubes, no treino subsequente ao jogo que, de acordo com relatos da comissão técnica, houve a queda de desempenho no terceiro set após os dois primeiros sets de alto desempenho, não importando o resultado final do jogo. Os clubes foram contatados pela pesquisadora e explicados os objetivos da pesquisa. Os clubes que concordaram em participar liberaram os atletas. As atletas, por sua vez, foram convidadas para a pesquisa e as que aceitaram participar, assinaram o TCLE em primeiro lugar. Os questionários foram aplicados durante o treinamento de maneira coletiva, seguindo as mesmas condições de aplicação para todos os atletas, com duração estimada de 20 minutos.

A análise estatística foi realizada em cima do vídeo do jogo fornecido pela equipe SHC utilizando o critério de avaliação do Sistema VIS para todos os fundamentos, mas dando-se mais ênfase ao saque, ataque e bloqueio.

5. RESULTADOS

Assim como a metodologia apresentada, os resultados apresentados também serão separados em duas partes: a análise estatística da SFV e a análise dos dados coletados após um jogo da SHC.

5.1. A Superliga

Na Superliga Feminina, o percentual de jogos com VVD variou de 10,47% a 15,92% dos jogos (Tabela 1), mas a sua média, segundo a tabela 2, foi de 14,51% dos jogos disputados, com desvio padrão de 1,73%.

No campeonato feminino, a temporada que apresentou o maior número de jogos com VVD foi de 2013/2014, com 32 dos 201 jogos disputados, apesar de não apresentar diferença significativa entre os anos.

A temporada feminina com a menor incidência de VVD foi a de 2006/2007 com 9 jogos, sendo essa temporada, também, a que apresentou o menor número de partidas disputadas.

Tabela 1. Relação do número total de jogos da temporada, e o número total e percentual de jogos com VVD na Superliga Feminina.

TEMPORADA	TOTAL DE JOGOS	JOGOS COM VVD	
		TOTAL	%
2005/2006	95	15	15,79
2006/2007	86	9	10,47
2007/2008	112	17	15,18
2008/2009	166	25	15,06
2009/2010	174	26	14,94
2010/2011	152	22	14,47
2011/2012	152	20	13,16
2012/2013	109	17	15,60
2013/2014	201	32	15,92

Legenda: VVD: Vitória-Vitória-Derrota

Já na tabela 3, é possível observar que, do total de 1.247 jogos disputados em todas as temporadas da Superliga Feminina, 183 (14,68%) tiveram derrota no terceiro set após vencerem os dois primeiros sets. Destes, 100 (54,64%) jogos

terminaram com o placar de VVDV; 35 (19,13%) jogos com o placar de VVDDV e 48 (26,23%) jogos resultaram na derrota por VVDDD (Tabela 3).

Tabela 2. Total, Média e Desvio Padrão do número de jogos em que ocorreram VVD na Superliga Feminina.

	Nº de Jogos	**Total de Jogos com VVD**		**VVDV**		**VVDDV**		**VVDDD**	
		TOTAL	**%**	**TOTAL**	**%**	**TOTAL**	**%**	**TOTAL**	**%**
Total	1247	183	14,68	100	54,64	35	19,13	48	26,23
Média	139	20	14,51	11	55	4	20	5	25
DP	39,54	6,82	1,73	5,84	85,6305	1,45	21,26	2,18	31,96

Legenda: VVD: Vitória-Vitória-Derrota; **VVDV:** Vitória-Vitória-Derrota-Vitória; **VVDDD:** Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Derrota; **VVDDV:** Vitória-Vitória-Derrota-Derrota-Vitória.

De acordo com as Tabelas 1 e 2, percebemos que quando ocorre a derrota no terceiro set nos jogos femininos, a prevalência é de que o jogo termine no quarto set. No entanto, se o jogo prosseguir para o quinto set, percebe-se uma maior recorrência de derrota no quinto set.

5.2. Coleta de dados na Sociedade Hípica de Campinas

Antes de tudo, é importante frisar que, devido a contratempos logísticos, foi possível analisar apenas um jogo disputado pela equipe SHC sendo, portanto, esta a equipe analisada por este estudo. O questionário foi aplicado no treino subsequente ao jogo São José do Rio Preto x Sociedade Hípica Campinas, na cidade de São José do Rio Preto válido pelo Campeonato da Federação Paulista de Voleibol (FPV), categoria Sub-19. Para fins de organização, os questionários foram organizados em ordem alfabética e assim, as atletas foram numeradas de 1 a 11. Devido a problemas técnicos na gravação do vídeo da partida, a filmagem foi interrompida no meio do quarto set, quando a SHC ganhava o set de 15x4, sendo, portanto, possível analisar esse início do set.

Para isso, foram avaliadas 11 atletas do sexo feminino, com idade média de 17,5 anos (DP=1,08), estudantes do ensino médio, todas afiliadas ao clube SHC.

No quadro 2 podemos constatar que a maioria das jogadas realizadas pela equipe SHC tiveram como resultado a continuidade do jogo e não a finalização do

ponto, principalmente, no ataque, onde em todos os sets o número de jogadas "ação" foram superiores que as jogadas "positivas".

Quadro 2. Número de jogadas realizadas pela SHC nos fundamentos do saque, ataque e bloqueio, de acordo com o set

	SAQUE			ATAQUE			BLOQUEIO		
	Positivo	**Negativo**	**Ação**	**Positivo**	**Negativo**	**Ação**	**Positivo**	**Negativo**	**Ação**
1º	1	0	26	12	8	31	1	3	9
2º	3	1	21	12	7	18	2	3	10
3º	0	3	16	11	0	19	1	4	4
4º	3	1	12	3	2	12	5	0	2

Já no quadro 3 são mostrados quantos pontos a SHC conquistou por mérito, por erro do adversário ou cedeu ao adversário. Pode-se perceber que os pontos por mérito foram diminuindo de acordo com o passar dos sets, assim como os pontos cedidos pelo adversário, sendo que os números de erros da SHC que culminaram em pontos para a equipe adversária não tiveram grande oscilação. Vale lembrar que no quarto set foi interrompida a gravação do jogo e por isso não pode ser computado todos os pontos.

Quadro 3. Número de pontos obtidos pela SCH por mérito, cedidos pelo adversário e dados para o adversário de acordo com o set.

Set	Placar	Pontos por mérito	Pontos cedidos pelo adversário	Pontos cedidos para o adversário
1º	26x28	14	14	10
2º	23x25	16	9	9
3º	25x20	12	8	10
4º	17x25	11	3	3

Legenda: Entende-se por "pontos por mérito" os pontos que a SHC conseguiu colocar a bola na quadra adversária; "pontos cedidos pelo adversário", os pontos que a equipe adversária errou, jogando a bola pra fora ou cometendo alguma falta; e por "pontos cedidos para o adversário" aqueles que a SHC cometeu alguma falta ou jogou a bola para fora e deu ao adversário um ponto no placar.

De acordo com a nota de desempenho atribuídas pelas atletas (Tabela 3), a nota do desempenho individual e da equipe teve uma média de 7. Tal nota pode ser justificada pelos fatores apontados como maiores influenciadores no resultado da partida (Quadro 4), que apresentou os erros da equipe como principal influenciador.

Tabela 3. Nota de desempenho das atletas.

NOTA DE DESEMPENHO	ATLETA											
	1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**MÉDIA**
Da atleta	7	5	7	7	7	8	7	7	7	8	7	7
Da equipe	8	8	7	8	8	8	7	8	8	8	6	7,64

Legenda: Nota atribuída pelas atletas que foram escaladas para o jogo em relação ao seu próprio desempenho e o desempenho da equipe na partida, score variando de 0 a 10.

Outro fator apontado pelo Quadro 4 para o resultado da partida foi o calor. Segundo as atletas, a cidade em que o jogo foi disputado estava com uma temperatura elevada no dia e o ginásio não contava com bom sistema de ventilação, causando-lhes um desgaste físico muito maior.

Quadro 4. Fatores que mais influenciaram no resultado da partida.

FATORES	ATLETAS
Erros da nossa equipe	9
Erros da equipe adversária	0
Torcida a favor	0
Torcida contra	0
Erros de arbitragem	0
Outros	2

Quadro 5. Aspectos a serem melhorados para a próxima partida. (continua)

ATLETA	O QUE PRECISA SER MELHORADO PARA A PRÓXIMA PARTIDA?
1	Concentração
2	Mais empenho
3	Entrar em quadra focadas
4	Mais concentração, menos erros bobos, mais confiança
5	Concentração, não achar que tudo está ganho, jogar com determinação, cumprir a meta estabelecida
6	Parar de ter erros bobos, concentração, mais confiança
7	Concentração do grupo em geral
8	Mais confiança, concentração, diminuir os erros.

Quadro 5. Aspectos a serem melhorados para a próxima partida. (conclusão)

ATLETA	O QUE PRECISA SER MELHORADO PARA A PRÓXIMA PARTIDA?
9	Mais concentração, parar de ter erros bobos, mais confiança na equipe
10	Comunicação e menos erros
11	Ter menos erros bobos

Ainda buscando entender a percepção das atletas sobre o jogo disputado, foi-lhes questionado o que deveria ser mudado para que na próxima partida o resultado não se repetisse (Quadro 5). De todos os aspectos citados, há dois aspectos que foram os mais citados pelas jogadoras: melhora na concentração durante a partida e diminuição dos erros cometidos pela equipe (ambos com 6 citações). Um terceiro aspecto, com 4 indicações, foi a confiança das jogadoras, com elas próprias e com a equipe em si.

Quadro 6. Situações de influência sobre o desempenho das atletas. (continua)

	Situações	ATLETA										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	Erros no início do jogo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
2	Erros no final do jogo	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S
3	Ser o favorito	N	S	N	N	N	N	N	N	N	S	N
4	O adversário ser o favorito	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N
5	Pressão dos outros para vencer	N	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S
6	Pressão de si mesmo para vencer	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
7	Maus resultados nos jogos anteriores	S	S	N	N	S	N	S	S	S	S	S
8	Falta de preparo físico adequado	N	N	N	N	S	S	S	N	N	S	S
9	Falta de preparo psicológico adequado	N	N	N	S	S	S	S	N	S	S	S
10	Conflitos com o treinador ou técnico	S	S	N	N	N	S	S	S	N	S	N
11	Conflitos com os colegas do time	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S
12	Bom rendimento inesperado do adversário	N	N	N	S	S	S	N	S	S		N
13	Mau rendimento nos treinos	S	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N
14	Críticas do treinador, técnico na competição	N	S	N	S	S	N	S	S	S	S	N

Quadro 6. Situações de influência sobre o desempenho das atletas. (conclusão)

	Situações	ATLETA										
		1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**
15	Críticas dos colegas na competição	S	N	N	N	N	S	N	S	N	N	N
16	Críticas da torcida	N	N	N	S	S	S	N	S	S	S	N
17	Nervosismo exagerado	N	S	N	S	S	S	S	N	S	N	N
18	Dor	S	N	S	N	N	S	S	S	S	S	N
19	Insegurança	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	N
20	Ansiedade exagerada	S	S	N	S	S	S	S	N	S	N	N
21	Condições inadequadas de treino	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
22	Falta de reconhecimento	N	S	N	S	N	S	N	S	S	N	S
23	Não saber lidar com os próprios erros	N	S	S	S	S	S	N	N	S	N	N
24	Ser substituído	N	N	S	N	N	N	N	N	S	N	N
25	Ficar na reserva	S	N	S	S	N	S	N	S	S	N	N
26	Falhas na arbitragem	N	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N
27	Excesso de treinamento	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N
28	Já ter perdido para o mesmo adversário	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
29	Lesões durante o jogo	N	N	S	N	S	N	N	N	N	S	S
30	Entrar no jogo machucado	N	N	S	N	S	N	N	S	N	S	S
31	Outros											

Legenda: Quando a situação foi considerada influenciadora do desempenho da atleta foi utilizada a letra S (sim) e, consequentemente, quando a situação não apresentou influência utilizou-se da letra N (não).

O Quadro 6 e a Tabela 4 trazem as situações que durante a partida tiveram ou não influência sobre o desempenho na partida. O Quadro 6 foca-se nas atletas, detectando os aspectos que tiveram influência no desempenho particular de cada atleta.

Já a Tabela 4 traça os fatores que mais tiveram influência em toda a equipe, podendo trazer um parecer geral do desempenho da equipe. Ainda de acordo com o Tabela 4, das 31 situações apontadas, 17 foram consideradas por mais de 50% das atletas como influenciadoras no desempenho da partida, destas, 10 situações podem ser consideradas como fatores de influência externa e 7 de influência interna.

Dentre todos os fatores abordados pelo quadro 6, as três situações que mais tiveram influência no desempenho da equipe foram: erros no início do jogo; erros no final do jogo e pressão de si mesma para vencer. Em compensação, as condições

inadequadas de treino; já ter perdido para o mesmo adversário e excesso de treino foram fatores que não tiveram influência no desempenho das atletas.

Tabela 4. Total e Percentual de situações de influência sobre o desempenho da equipe durante a partida. (continua)

	Situações	SIM	NÃO
1	Erros no início do jogo	11 (100%)	0
2	Erros no final do jogo	10 (90,91%)	1 (9,09%)
3	Ser o favorito	2 (18,18%)	9 (81,82%)
4	O adversário ser o favorito	2 (18,18%)	9 (81,82%)
5	Pressão dos outros para vencer	9 (81,82%)	2 (18,18%)
6	Pressão de si mesmo para vencer	10 (90,91%)	1 (9,09%)
7	Maus resultados nos jogos anteriores	8 (72,73%)	3 (27,27%)
8	Falta de preparo físico adequado	5 (45,45%)	6 (54,55%)
9	Falta de preparo psicológico adequado	7 (63,64%)	4 (36,36%)
10	Conflitos com o treinador ou técnico	6 (54,55%)	5 (45,45%)
11	Conflitos com os colegas do time	2 (18,18%)	9 (81,82%)
12	Bom rendimento inesperado do adversário	5 (45,45%)	5 (45,45%)
13	Mau rendimento nos treinos	2 (18,18%)	9 (81,82%)
14	Críticas do treinador, técnico na competição	7 (63,64%)	4 (36,36%)
15	Críticas dos colegas na competição	3 (27,27%)	8 (72,73%)
16	Críticas da torcida	6 (54,55%)	5 (45,45%)
17	Nervosismo exagerado	6 (54,55%)	5 (45,45%)
18	Dor	7 (63,64%)	4 (36,36%)
19	Insegurança	8 (72,73%)	3 (27,27%)

Tabela 4. Total e Percentual de situações de influência sobre o desempenho da equipe durante a partida. (conclusão)

Situações	SIM	NÃO
20 Ansiedade exagerada	7 (63,64%)	4 (36,36%)
21 Condições inadequadas de treino	0	11 (100%)
22 Falta de reconhecimento	6 (54,55%)	5 (45,45%)
23 Não saber lidar com os próprios erros	6 (54,55%)	5 (45,45%)
24 Ser substituído	2 (18,18%)	9 (81,82%)
25 Ficar na reserva	6 (54,55%)	5 (45,45%)
26 Falhas na arbitragem	7 (63,64%)	4 (36,36%)
27 Excesso de treinamento	1 (9,09%)	10 (90,91%)
28 Já ter perdido para o mesmo adversário	0	11 (100%)
29 Lesões durante o jogo	4 (36,36%)	7 (63,64%)
30 Entrar no jogo machucado	5 (45,45%)	6 (54,55%)
31 Outros	0	0

Quando questionadas sobre a existência da Síndrome STS, as atletas foram unânimes sobre a sua ocorrência (Quadro 7). A definição mais apontada pelas atletas para a ocorrência da STS é o “relaxamento” por achar que o jogo está ganho e que a equipe adversária não representa mais um perigo para a vitória. Outras definições também citadas são o jogar mal devido a diminuição da concentração e da intensidade de jogo, consequências essas do relaxamento que a equipe passa.

Quadro 7. Definição de STS de acordo com as atletas. (continua)

ATLETA	DEFINIÇÃO
1	Ganha dois sets e relaxa no terceiro
2	Time que entra com o ego lá em cima
3	Ganha dois sets e relaxa no terceiro

Quadro 7. Definição de STS de acordo com as atletas. (continuação)

ATLETA	DEFINIÇÃO
4	Quando estamos ganhando de 2x0, achamos que já está "ganho" e acabamos jogando mal
5	Não esperamos mais nada da equipe adversária, não jogamos com a mesma intensidade, relaxamos.
6	Quando estamos ganhando de 2x0, achamos que já está "ganho". E é uma coisa "natural do ser humano".
7	Momento de insegurança ou relaxamento por achar que o jogo está ganho
8	Não esperamos melhora na equipe adversária, diminuindo a concentração
9	Quando ganhamos de 2x0 e relaxamos no terceiro set por pensar que o jogo está "ganho", não jogamos com a mesma intensidade.
10	Ganhamos o primeiro e o segundo, entramos no terceiro mais acomodadas
11	Ganha dois sets e relaxa no terceiro

O Quadro 8 apresenta as opiniões que algumas atletas quiseram deixar ao fim do questionário sobre o jogo e sobre seu desempenho. De acordo com os comentários, percebe-se que todas ficaram satisfeitas com o resultado do jogo, mas não necessariamente com o seu desempenho, salientando os seus erros, ou o seu jogar mal.

Quadro 8. Comentários sobre o jogo ou sobre seu desempenho. (continua)

ATLETA	COMENTÁRIOS DO JOGO	COMENTÁRIOS DO DESEMPENHO
3	Eu nunca vi um técnico tão feliz depois dessa vitória. Que venham mais vitórias.	
4		Eu tive alguns erros bobos
5	O nosso rendimento foi bom, mas creio que precisamos melhorar e aperfeiçoar cada vez mais.	Tentei ajudar a equipe da melhor maneira possível, desde a minha entrada até chamar o time, gritar e obter mérito.
6	Gostei muito do jogo	Gostei principalmente do meu desempenho

Quadro 8. Comentários sobre o jogo ou sobre seu desempenho. (continuação)

ATLETA	COMENTÁRIOS DO JOGO	COMENTÁRIOS DO DESEMPENHO
8		Meu desempenho não foi muito bom, quando estou insegura não consigo jogar tão bem quanto o esperado.
9		Eu achei que eu errei demais, principalmente erros bobos. Meu psicológico não é bom, fico nervosa em todos os jogos.
10		Posso melhorar mais

6. DISCUSSÃO

6.1. Modelo Combinatório para estudo da STS

Com base no grau de favoritismo atribuído às equipes foi proposto um modelo combinatório para analisar a derrota no terceiro set (VVD). A partir desse modelo, é possível constatar se a frequência relativa dos finais das partidas encontrada nos jogos estudados (Tabela 2) coincide com a frequência esperada em função do grau de superioridade entre as equipes. A ocorrência de eventuais discrepâncias entre os dados reais e o modelo probabilístico pode indicar a presença de outros fatores exógenos ao favoritismo (ou superioridade) de uma equipe contra outra – ou seja, podemos encontrar evidências estatísticas de que uma derrota no 3º set abale a equipe de tal forma que ela perca um percentual maior de jogos do que o esperado.

Para este modelo, vamos denotar por Equipe-A a equipe que venceu os dois primeiros jogos em uma partida com VVD e por Equipe-B a equipe contrária. Além disso, vamos admitir a hipótese de que a Equipe-A venceria um percentual $P(A)$ de sets disputados contra a Equipe-B (da mesma forma, a Equipe-B venceria $P(B) = 1 - P(A)$ dos sets disputados). Note que isto não significa, necessariamente que Equipe-A é superior que a Equipe-B, pois P(A) pode ser qualquer número entre 0 e 1.

Desta forma, podemos construir uma árvore de possibilidades e calcular o percentual esperado de cada final de partida com VVD, conforme apresentado na Figura 1.

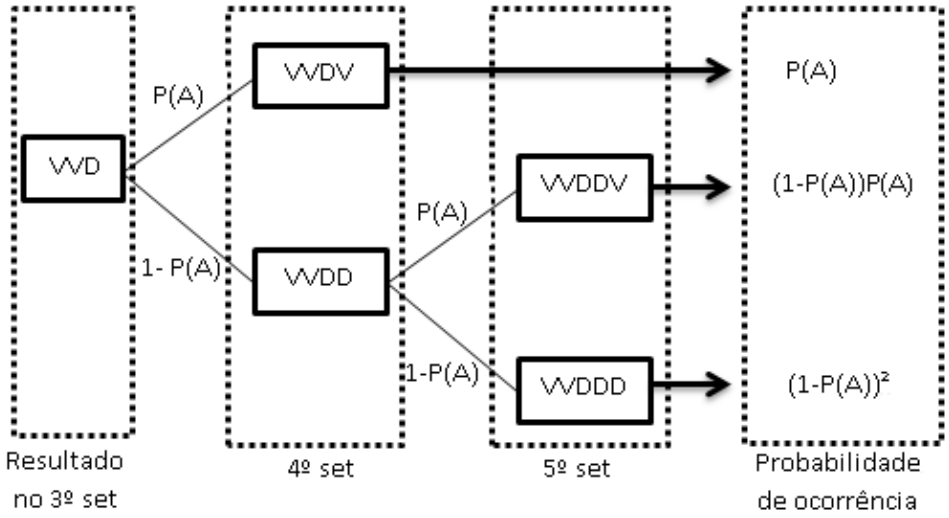

Figura 1. Diagrama de possibilidades de finalização de uma partida com ocorrência de VVD.

Com base neste modelo, podemos inferir que, se o fator predominante para a vitória for a superioridade de uma equipe contra outra e se o resultado dos sets anteriores não afetarem os sets subsequentes, a Equipe-A venceria os jogos no quarto set (VVDV) com probabilidade P(A) e venceria os jogos no quinto set (VVDDV) com probabilidade $\big(1 - P(A)\big)P(A)$, restando para a Equipe-B vencer apenas $\big(1 - P(A)\big)^2$ dos jogos no quinto set.

Obviamente o valor de $P(A)$ varia em cada confronto e é muito difícil de ser estimado corretamente em situações práticas. No entanto, podemos utilizar os dados coletados para inferir se, na média, as equipes estudadas se comportam de acordo com o modelo previsto, ou seja, se os resultados dos sets subsequentes ao VVD são independentes.

Utilizando os dados da Superliga Feminina, podemos estimar um valor médio para $P(A) \cong 0{,}5464$, ou seja, em 54,64% das vezes a Equipe-A venceu os jogos no 4º set. Sendo assim, a probabilidade estimada de VVDDV é $\big(1 - P(A)\big)P(A) = (0{,}4536)(0{,}5464) = 24{,}78\%$, enquanto a probabilidade estimada de VVDDD é de $\big(1 - P(A)\big)^2 = (0{,}4536)^2 = 20{,}57\%$.

Na tabela 6 apresentamos um resumo desta análise, comparando o número de jogos esperados e observados.

Tabela 5. Comparação entre o número de jogos esperados e observados para VVDV e VVDDD na Superliga Feminina.

	Liga Feminina	
Final	**Esperado**	**Observado**
VVDDV	45	35
VVDDD	32	48
Valor-P	0,00143	

Para verificar se as diferenças entre os valores esperados e observados de VVDDV e VVDDD são estatisticamente significativas realizamos um teste de qui-quadrado. Os valores-p dos testes estão apresentados na última linha da Tabela 6.

Pode-se concluir que, com base nos dados coletados, há evidências estatísticas de que a derrota no terceiro set afeta as chances de vitórias na partida, além do esperado pela vantagem técnica entre as equipes, assumindo que os resultados dos sets são independentes.

6.2. STS à luz da teoria

No cenário de vitória e derrota, o atleta está sujeito a diferentes situações emocionais durante sua vivência esportiva. Apesar de saber-se que as emoções interferem no desempenho, como foi dito, pouco se tem feito para controlá-las no âmbito esportivo. Devido a isso, considera-se que o treinador necessita compreender melhor as emoções do seu atleta, podendo ajuda-lo a controlar e canalizar suas emoções, otimizando seu desempenho.

Atualmente, o fenômeno esportivo tem crescido de maneira significativa, ganhando destaque em todo o mundo. O seu constante desenvolvimento está diretamente relacionado à importância social e econômica, que desencadeia diversas ações vinculadas ao esporte, como por exemplo, número de eventos veiculados à televisão, poder aquisitivo dos clubes, atletas, treinadores e demais envolvidos, e a exposição de atletas em propagandas. A partir dessa visibilidade, houve um aumento significativo na pressão sobre os atletas, exigindo que as ciências relacionadas ao treinamento se focassem na busca pelo máximo rendimento a cada competição esportiva (BARA FILHO et. al., 2004).

Com o destaque do esporte na modernidade, os atletas sofrem pressão social para movimentar uma significativa quantidade de recursos financeiros, materiais e humanos (WEINECK, 1989). Em outras palavras, para que se obtenha êxito no esporte, a produtividade do atleta torna-se essencial, instigando-o a superar seus limites e adversários, atingir metas, passar por frustrações, pressões, sucessos e reviravoltas. Assim, fica evidente a necessidade de preparação física e psicológica para que o atleta seja capaz de superar os desgastes advindos dos treinamentos e das pressões sociais (WARD et al., 2005).

De acordo com Vieira, Vissoci & Oliveira (2010), as áreas voltadas ao treinamento físico, técnico e tático vêm ganhando importantes avanços na busca de aperfeiçoar os mais distintos campos do esporte. Contudo, segundo os autores, na

América Latina, a área voltada à Psicologia do Esporte ainda é precária, seja em publicações científica, como em profissionais qualificados, capazes de preparar e avaliar psicologicamente os atletas a fim de contribuir para a melhora do seu rendimento esportivo.

Para que o atleta apresente seu melhor desempenho esportivo em determinada modalidade, é necessário que se entenda as especificidades que esta apresenta. No caso do voleibol, suas características e lógicas próprias são determinadas pelo seu quadro de regras oficiais e pela dinâmica imposta pela própria modalidade. Diferente de outras modalidades, o voleibol não apresenta um tempo de jogo definido, sendo, por isso, considerado como uma batalha atemporal, com sucessões de vitórias e derrotas a cada ponto, exigindo das equipes constante auto-organização e diferentes tomadas de decisões a cada ação (MACHADO, ARAUJO & BARTHOLOMEU; 2010).

Fieldler (1979) e Medvedev (1988) já constatavam que, diante das particularidades do voleibol, determinadas qualidades psicológicas são necessárias para que, quando aliadas às capacidades físicas, técnicas e táticas, sejam determinantes na vitória da partida. Entre as qualidades abordadas, podemos citar: autoconfiança, valentia, determinação, disposição e vontade de vencer. Outra qualidade fundamental para ser um jogador de voleibol de alto nível, segundo Brandão (1993), é jogar o melhor que puder, mesmo quando as chances de vitória forem mínimas.

No entanto, o que vemos de acordo com as jogadoras do time SHC, os fatores que mais influenciaram no resultado (Tabela 4) e as definições oferecidas pelas mesmas sobre o que seria STS (Quadro 7), sugerem um relaxamento no terceiro set ao achar que o jogo está ganho. Essa atitude atrelada à vontade de vencer do outro time, pode ter forçado o grande número de erros da SHC durante a partida, sendo, portanto, apontado como o fator de maior influência no resultado da partida. O grande número de erros que a equipe cometeu são aludidos no quadro 4, onde 9 das 11 atletas consideraram os erros da própria equipe determinante para o resultado da partida, enquanto as outras duas consideraram outros fatores que, posteriormente, foram diagnosticados como sendo o calor na cidade em que foi realizado o jogo.

Contudo, comparando os Quadro 3 e 4, vemos que o número de erros que geraram pontos, não obteve grande oscilação. No entanto, se olharmos o número de jogadas que não foram finalizadas aconteceram em maior número (Quadro 2), gerando

com isso oportunidade para que o adversário obtivesse êxito na jogada e, assim, aumentasse seu número de pontos.

Nos últimos anos, o voleibol tem sofrido constantes mudanças em suas regras, tornando-o cada vez mais dinâmico e imprevisível em seu resultado. Para Trapé, Prodócimo & Moreno (2010), essas condições e os diferentes tipos de pressão que os atletas sofrem durante a competição (torcida, tempo, cobrança do técnico, familiares, companheiros, entre outras), podem culminar em respostas de estresse e, consequentemente, queda de rendimento.

Tal afirmação corrobora com os estudos de De Rose Jr., Simões & Vasconcelos (1994) que relacionam as características de uma modalidade à competição, gerando possíveis situações causadoras de estresse. Posteriormente, Cruz & Castro (1997) identificaram em seu estudo com atletas de voleibol, que um dos aspectos que mais necessitam de apoio psicológico, no voleibol, é o controle da ansiedade e do estresse.

Quando os níveis de estresse ficam demasiadamente altos, o atleta pode passar por um momento de descontrole de suas ações, principalmente quando há envolvimento de pressões externas e emoções que não conseguem ser controladas pelo atleta (MILLER, VAUGHN & MILLER, 1990). Portanto, um atleta experiente e bem preparado poderá enxergar a competição como um desafio. Contudo, para um jogador iniciante ou não tão bem preparado, as mesmas situações poderão apresentar uma sensação de ameaça ao seu bem estar físico, psicológico e social, gerando um descontrole em suas emoções (PASSER, 1984; VASCONCELLOS, 1992).

Diante disso, é necessário entender as demandas não só da modalidade em sim, mas também do nível dos jogadores inseridos nesta. Costa apud Epiphanio (2001) considera que a maior preocupação para jogadoras de alto nível é o resultado, já que os rendimentos econômicos da equipe sofrem ação direta da vitória alcançada. Sendo assim, o trabalho psicológico nesse grupo tem por finalidade melhorar o rendimento e aperfeiçoar o processo de recuperação através de análises de fatores psíquicos determinantes no rendimento.

Nas categorias de base, contudo, como os atletas necessitam conciliar o esporte, com a escola e mais uma série de afazeres, sem menosprezar os momentos de lazer, importantes na infância e adolescência, o enfoque deve ser sobre o processo de

formação do atleta, na busca de evitar o excesso de treinamento e as situações estressantes (como pressão familiar e do técnico, busca incessante pela vitória, entre outros) que podem afastar indefinidamente o rendimento do indivíduo do esporte (TRAPÉ, PRODÓCIMO & MORENO, 2010).

De Rose Jr. (1999) fez levantamento das situações consideradas como as maiores causadoras de estresse em atletas adultos (Quadro 9). De acordo com esse levantamento, pode-se perceber que as situações apontadas, em sua maioria, foram as situações específicas de jogo, demonstrando que o momento mais importante da partida é aquele da demonstração das capacidades do atleta (DE ROSE JR., 2002).

Quadro 9. Situações causadoras de estresse em atletas adultos. (continua)

SITUAÇÕES CAUSADORAS DE ESTRESSE EM ATLETAS ADULTOS
Jogos Decisivos
Momentos decisivos do jogo
Jogo fácil que complica
Perder jogo praticamente ganho
Ficar na reserva
Repetir os mesmos erros
Omitir-se no jogo
Jogar em más condições físicas
Adversário desleal
Arbitragem prejudicial à equipe
Conflitos com técnicos
Conflitos com companheiros de equipe
Técnico que só enxerga o lado negativo
Técnico que só enxerga o lado negativo
Técnico que só critica
Companheiro egoísta
Local inadequado para treinamento e jogos
Treinamento em excesso
Falta de férias
Rotina de treinamento
Falta de integração entre o grupo
Torcida da própria equipe agressiva
Cobranças excessivas de dirigentes ou patrocinadores

Quadro 9. Situações causadoras de estresse em atletas adultos. (continuação)

SITUAÇÕES CAUSADORAS DE ESTRESSE EM ATLETAS ADULTOS
Falta de apoio a jogador contundido
Falta de organização das equipes e das entidades organizadoras de campeonatos
Viagens constantes
Problemas com alimentação
Problemas com acomodações
Excesso de jogos

Em outro estudo, De Rose Jr. (1996) busca fazer o mesmo levantamento, dessa vez, no entanto, com atletas da categoria infanto-juvenil (Quadro 10). Com esses dados, o autor pode concluir que o estresse competitivo tem relação direta com o momento da competição, e que as situações relacionadas com a competência ou habilidades individuais são as mais marcantes, incluindo outras pessoas envolvidas na competição (técnicos, companheiros de equipe e arbitragem) (DE ROSE Jr., 2002).

Quadro 10. Situações causadoras de estresse em atletas infanto-juvenis.

SITUAÇÕES CAUSADORAS DE ESTRESSE EM ATLETAS INFANTO-JUVENIS
Cometer erros que provoquem a derrota da equipe
Autocobrança exagerada
Perder jogo praticamente ganho
Perder para adversário ou equipe tecnicamente mais fracos
Cometer erros em momentos decisivos
Erros de arbitragem que prejudicam a equipe
Companheiro egoísta
Companheiro que reclama muito
Companheiro que não se esforça
Técnico que só crítica
Técnico que não reconhece o esforço do jogador
Técnico que só enxerga o lado negativo
Fofocas no grupo
Inveja
Diferença de tratamento por parte do técnico

Ainda de acordo com De Rose Jr. (2002), os resultados encontrados nesses dois estudos apontam que, independente do nível do atleta, a preocupação com a vitória e com o seu desempenho, contribuem para o sucesso esportivo.

Os resultados apontados por De Rose Jr. (2002) vão ao encontro dos dados encontrados com a equipe SHC (Tabela 4) que apontam que os erros e a pressão de si mesmo são situações que mais causam estresse nos atletas. Segundo Weinberg & Gould (2008), algumas pessoas encaram certas situações como importantes e incertas, causando nelas uma maior ansiedade que as outras. Essa ansiedade, quando elevada, causa aumento da tensão muscular e da fadiga e podem interferir na coordenação, além de estreitar o campo de atenção, da atenção dominante para atenção a indícios inadequados (WEINBERG & GOULD, 2008). Diante disso, é possível explicar porque, para as jogadoras do time SHC houve, no terceiro set, uma queda de desempenho.

Tal aproximação de resultados pode ser explicada pelos achados de Gouvea (2005), que considera que a categoria infanto-juvenil é a etapa de transição para o esporte competitivo, uma vez que os atletas que conseguirem manter um alto desempenho nessa etapa terão maior perspectiva de prosseguir para competições de alto nível.

Independente do nível de prática, o atleta sempre terá sobre si uma pressão sobre seu desempenho, seja esta exercida a partir de si próprio, ou de outras pessoas. Para De Rose Jr. (2004), o erro faz parte do jogo, a diferença reside no momento em que ocorre, como, por exemplo, quando se dá em um momento decisivo e acaba acarretando a derrota da equipe. Segundo o autor, isso demonstra que, independente do nível do atleta, este se cobra constantemente para demonstrar ações perfeitas, o que pode prejudicar seu desempenho.

No caso das jogadoras da SHC, podemos ver essa cobrança constante sobre suas ações quando visualizamos as notas que elas mesmas dão para seu desempenho (Tabela 3). Nela vemos que, com exceção da atleta número 11, as demais atletas deram nota para seu desempenho menor ou igual à nota apresentada para o desempenho da equipe. Além disso, no Quadro 6, no qual as jogadoras apresentam as situações que influenciaram no seu desempenho, 10 das 11 atletas indicaram o item 7 (pressão de si mesmo para vencer) como fator influenciador, sendo ele apontado como um dos três fatores de maior influência no desempenho da equipe.

De acordo com Bizzochi (2008), há diferentes momentos e algumas situações específicas da partida de voleibol que precisam ser estudados, pois serão nesses momentos que aqueles que se adaptarem primeiro poderão estar mais próximos

da vitória. Esses momentos são o início do jogo ou set, onde se começa a busca pelo ritmo para a partida; na metade do set, estimulando a manutenção da concentração e nos momentos finais dos sets e do jogo, incentivando a decisão.

Nesse sentido, De Rose Jr. (2004) aponta as três situações mais causadoras de estresse em atletas de voleibol do sexo feminino. Em primeira posição, aparecem os erros em momentos decisivos; em segundo, a repetição dos mesmos erros e, por fim, a perda do jogo praticamente ganho.

Esses apontamentos corroboram com os achados desse estudo, onde as jogadoras da SHC apontam os erros no início e fim do jogo e as pressões sobre si mesmas como as situações mais estressantes (Tabela 4). Tendo em vista que o início e o final do set são momentos decisivos para imposição de ritmo e decisão da partida, respectivamente, as sucessões de erros nesses dois momentos tornam-se determinantes para o resultado da partida. Consequentemente, a pressão excessiva sobre si mesmo para execução de movimentos técnicos perfeitos e necessidade da finalização do ponto pode ter grande influência na repetição dos mesmos erros durante a partida.

Para Bizzochi (2008), outra capacidade que precisa ser desenvolvida constantemente no voleibol é a concentração. A concentração total durante todo o jogo é neurologicamente impossível. Contudo, é necessário exigir que o atleta mantenha alta e constante atenção durante os períodos de duração dos ralis, sets e jogo. O atleta, segundo Bizzochi (2008), deve concentrar-se antes e durante a jogada, mas manter-se relaxado nas pausas entre os ralis e durante as interrupções do jogo.

De acordo com o Quadro 7, identificamos que a definição de STS para as jogadoras é caracterizada, principalmente, pelo relaxamento no terceiro set por achar que o jogo está ganho. A queda de concentração, segundo uma das jogadoras, é algo “natural do ser humano”, o que corrobora com a afirmação de Bizzochi (2008) sobre ser neurologicamente impossível manter-se concentração durante toda a duração do jogo.

Para Weinnberg & Gould (2008), o rendimento de uma equipe piora conforme sua autoconfiança atinge altos níveis, acreditando que não é preciso se esforçar para alcançar a vitória, que somente entrar em quadra já lhe garante aquela vitória. Contudo, ainda segundo esses autores, quando o atleta não está concentrado no jogo, por acreditar que a competição é relativamente fraca, sua mente será tomada por pensamentos irrelevantes e sua atenção será desviada, prejudicando seu desempenho.

Esses achados corroboram com os dados encontrados neste estudo, pois, de acordo com as atletas, para uma próxima partida o aspecto que mais precisa ser melhorado é a concentração (Quadro 5). Outros fatores como, diminuição dos erros bobos, mais empenho e melhor comunicação podem ser minimizados quando for otimizada a concentração das atletas, melhorando, consequentemente, seu rendimento.

Diante desses dados, os momentos de relaxamento devem ser cuidadosamente analisados. Em 1993, Anshel & Wrisberg apresentam a teoria do Warm-Up Decrement que relata uma diminuição temporária do desempenho esportivo após um período de repouso. Contudo, segundo essa teoria, por o período de pausa ser curto, essa queda do desempenho afetaria as primeiras ações após o reinício das atividades (ANSHEL & WRISBERG, 1993).

De acordo com o Guia de Instruções de Arbitragem da Comissão Brasileira de Arbitragem de Voleibol (2014), regra 18.1, referente aos intervalos de jogo, os intervalos entre os sets possuem uma duração de 3 minutos. Contudo, ainda segundo essa regra, o intervalo entre o segundo e o terceiro set pode ser estendido até 10 minutos, pelo órgão competente, a pedido do organizador.

Associando a teoria do Warm-Up Decrement e a duração maior de pausa entre o segundo e o terceiro set, podemos entender porque, na opinião das atletas da SHC, os erros no início do set foram considerados como a situação de maior influência na queda do rendimento. Pois, assim como apontado por Bizzochi (2008), o início do set, quando se busca impor um ritmo de jogo, aqueles que demorarem a se adaptarem a esse momento, podem se afastar da vitória. E, assim como já levantado por De Rose Jr. (2004); Miller, Vaughn & Miller (1990); Passer (1984) e Vasconcellos (1992), o atleta tende a fazer cobranças demasiadas sobre o seu desempenho, ainda mais após erros em momentos decisivos. E essa cobrança gerará um aumento nos níveis de estresse do atleta que se sentindo em uma situação de ameaça não terá pleno controle sobre suas ações e emoções afetando, portanto, seu desempenho na partida.

Bizzochi (2008) identificou alguns aspectos que possuem relação com a queda de rendimento durante a partida, como a baixa intensidade em determinados momentos do jogo, a má utilização de energia durante a partida, acomodação após vantagem no placar, transformação dos erros em frustração. Além disso, o relaxamento entre o segundo e o terceiro set, devido ao maior tempo de pausa, pode também estar atuando

como um fator de queda de rendimento dos atletas no terceiro set, conforme proposto pela Teoria Warm Up-Decrement.

Portanto, depois de todos os levantamentos feitos e dados analisados, é possível dizer que a STS vai além de apenas uma queda de rendimento físico, técnico e tático. Não se pode ignorar que o aspecto psicológico apresenta grande influência no rendimento do atleta, sendo necessário que se conduza um trabalho integrado entre os aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos para que melhores resultados apareçam.

.

7. CONCLUSÕES

Embora, nos últimos anos, a condição de STS tenha se tornado mais recorrente nos jogos de voleibol, o seu debate no meio acadêmico e prático é deficitária. No campo prático, evita-se o debate para que não haja influência sobre o desempenho dos atletas; já no campo teórico, não é encontrada nenhuma publicação que faça alusão a essa temática.

Através desse estudo buscamos avaliar como se deu a prevalência de jogos da Superliga Feminina de voleibol e também verificar, de acordo com atletas femininas de um time infanto-juvenil, quais eram os fatores que mais tinham influência sobre seu desempenho no terceiro set.

A partir dos dados coletados e analisados foi possível identificar que, na Superliga Feminina de Voleibol, há uma prevalência de jogos em que ocorre a derrota no terceiro set, sendo que após o VVD, há uma maior prevalência de jogos que terminem no quarto set. Porém, se o jogo chegar ao quinto set, a prevalência maior é de derrota no último set e, consequentemente, perda do jogo. Há também evidências estatísticas de que a derrota no terceiro set afeta as chances de vitórias na partida além do esperado pela vantagem técnica entre as equipes, assumindo que os resultados dos sets são independentes.

Já na análise realizada com o time infanto-juvenil da SHC, pôde-se observar que os principais fatores operantes da derrota no terceiro set estão relacionados ao número excessivo de erros e à pressão exacerbada sobre seu próprio rendimento. Além destes, foi apontado que a derrota no terceiro set se dá, principalmente, por um relaxamento no set devido à impressão do jogo já estar praticamente ganho e, com isso, há uma queda no rendimento das atletas. Esse relaxamento é tão perceptível para as jogadoras que elas mesmas apontam que para os próximos jogos, o aspecto que deve ser melhor trabalhado é a concentração.

Portanto, a partir dos dados estudados, podemos afirmar que, realmente existe sim uma STS e que a derrota no terceiro set influencia no resultado dos outros sets. Além disso, a queda de rendimento não advém apenas dos fatores físicos, técnicos e táticos. Sustentando a hipótese levantada, a derrota no terceiro set possui uma

importante vertente psicológica, como apontada pelas jogadoras da SHC, e que, se não trabalhada corretamente afetará o rendimento das mesmas e da equipe como um todo.

Neste sentido, estudos futuros devem ser realizados para que seja possível detectar em outros níveis da modalidade, com outros times e também nos campeonatos masculinos quais são os fatores que estejam efetivamente influenciando os atletas e causando a sua derrota no terceiro set. E com estes dados a mais, propor estratégias de treinamento que visem a minimização dos fatores psicológicos neste importante momento do jogo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, J. **Stress e ansiedade pré-competitiva e sua influência no rendimento desportivo.** Disponível em: HTTP://www.revistaatletismo.com. Acessado em 26 de abril de 2014.

ANSHEL, M.H.; WRISBERG,C.A. Reduccing Warm-Up Decrement in the performance of the tennis serve. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 15, p. 290-303, 1993.

BARA FILHO, M.G., et.al. Características psicológicas de jogadores brasileiros de voleibol de alto rendimento. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v.5, n.2, p. 83-97, jul/dez. 2004.

BEÇA, P. J. F. dos S. **Efeitos do Local do Jogo e do Número do Set na Performance em Jogos de Voleibol de Alto Nível.** 2010.

BIZZOCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 3 º Ed. Barueri – SP: Manole, 2008.

BRANDÃO, M.R.F. O Perfil Psicológico das Seleções Brasileiras de Voleibol. **Actas os the 8th World Congress in Sport Psychology**, p. 192-196. 1993.

BRANDÃO, M.R.F.; MACHADO, A.A. (ed.), **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício - Volume 1: Teoria e Aplicação. São Paulo**: Atheneu, 2007.

BORSARI, J.R. **Voleibol: aprendizagem e treinamento, um desafio constante.** São Paulo, EPU, 1989.

BUENO, J. L. O.; DI BONIFÁCIO, M. A. Alterações de estados de ânimo presentes em atletas de voleibol, avaliados em fases do campeonato**. Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 179-184, 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, **Comissão Brasileira de Arbitragem de Voleibol: Regulamento 2013/2016.**

CRUZ, J.; CASEIRO, J. **Estresse, Ansiedade e Competências Psicológicas em atletas de elite e alta competição: Relação com o sucesso desportivo.** Psicologia aplicada ao desporto e à atividade física – teoria, investigação e intervenção. Braga- Portugal, 1997.

DE ROSE JUNIOR, D.; SIMÕES, A.; VASCONCELOS, E. Situações causadoras de Stress no Handebol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 8, n.1, p. 30-37, 1994.

_____. **Estresse pré-competitivo no esporte infanto-juvenil: elaboração e validação de um instrumento**. São Paulo, Instituto de Psicologia a USP. Tese de Doutorado, 1996.

_____. **Situações específicas e fatores de estresse no basquetebol de alto nível.** São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte USP. Tese de Livre Docência, 1999.

_____. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília**, v. 10, n. 4, p. 19-26, 2002.

_____. et. al. Situações de jogo como fonte de" stress" em modalidades esportivas coletivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 4, p. 385-395, 2004.

DESCHAMPS, S. R.; DE ROSE JUNIOR, D. Os aspectos psicológicos da personalidade e da motivação no voleibol masculino de alto rendimento. **Revista Digital, Buenos Aires**, v. 10, n. 92 – Jan. de 2006

DOS SANTOS, S. G.; SHIGUNOV, V. Suporte psicológico ao atleta: uma necessidade teórica que precisa ser aplicada. **Treinamento Desportivo**. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 74-83, 2000.

EPIPHANIO, E. **Psicologia do Esporte e Desenvolvimento humano: um estudo exploratório junto a uma equipe feminina de vôlei.** Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2001.

FEIJÓ, O. G., **Psicologia para o esporte.** Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FIEDLE, M. **Educación volitiva.** In: Voleibol. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, p. 147-154, 1979.

GOUVEA, F. **Análise das ações de jogo e suas implicações para o treinamento técnico-tático a categoria Infanto-Juvenil (16 e 17 anos).** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

GOUVEA, F. L. et al. **Carga psíquica em situações de jogo: avaliação em equipes masculinas e femininas de voleibol infanto-juvenil.** Salusvita, Bauru, v. 23, n. 1, p. 63-76, 2004.

GOUVEA, F. L. et al. Estresse Psíquico no Voleibol Infanto-Juvenil: avaliação de situações de treino. **Saúde em Revista**, Universidade Metodista de Piracicaba, v.9, n.21, jan./abr.2007.

HAHN, E. **Emotions in Sports.** In: Hackfort D, Spielberg CC (eds.). Anxiety in Sports. New York, Hemisphere Pub. Corp., pp. 153-62, 1982.

HERNANDEZ-ARDIETA, I. P. et.al. **Personalidad, diferencias individuales y ejecucíon deportiva.** In: ZAFRA, A. O.; RUIZ, H. J.; GARCÍA, G. N. (Coords). Manual de Psicología del Deporte. Murcia, DM, p. 105-123, 2002.

JONES, J.G.; HARDY , L. **Stress and performance in sport.** Chichester: J.Willey , 1990.

MACHADO, A.A.; ARAUJO, D.; BARTHOLOMEU, D. **Aprendizagem do Voleibol: Análises a partir do Contexto Situacional.** In: Brandão, M.R.F.; Machado, A.A. (Eds.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O Voleibol e a Psicologia do Esporte. v.5, p. 115-134. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

MARCELINO, Rui; MESQUITA, Isabel; SAMPAIO, Jaime. Estudo dos indicadores de rendimento em Voleibol masculino em função do número do set. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 3, 2009.

MARCELINO, R., et.al. Estudo dos indicadores de rendimento em Voleibol em função do número do set. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.69-78, jan./mar. 2010.

MEDVEDEV, V.V. **La preparación psicológica Del voleibolista.** In: Voleibol. Ciudad de La Habana: Editorial Científico – Técnica, p. 60-78, 1988.

MILLER, T.W.; VAUGHN, M.P.; MILLER, J. Clinical issues and treatment strategies in stress – oriented athletes. **Sports Medicine**, v. 9, n. 6, p. 370-379, 1990.

MORAES, L. C. C. A. **Emoções no Esporte e na Atividade Física.** In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. (eds). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: v.1: Teoria e Aplicação. Editora Atheneu, São Paulo, 2007.

NOCE, F., GRECO, P. & SAMULSKI, D. O ensino do comportamento tático no voleibol: aplicação no saque. **Revista da APEF- Londrina**, 12, 12- 24, 1997.

NOCE, F.; SAMULSKI, D. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo**, v. 16, n. 2, p. 113-29, 2002.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

ORLICK, T. **In pursuit of excellence.** 3.ed. Champaign (IL), Human Kinetics, 2000.

PASSER, M.W. **Competitive trait anxiety in children and adolescents.** In: Silva, J.M. and Weinberg, R.S. (eds), Psychological foundations of Sports. Champaing (III), Human Kinetics, p. 130-144, 1984.

SAMULSKI, D. **Psicologia nos esportes: Manual para Educação Física, Psicologia e Fisioterapia.** Barueri: Manole, 2002.

SAMULSKI, D. **Áreas de atuação da psicologia do Esporte.** In: Brandão, M.R.F.; Machado, A.A. (Eds.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: Teoria e Aplicação. São Paulo: Atheneu, 2007.

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.; GUINDANI, J.F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, N. I, julho de 2009.

SILVA L.R.R., FRANCHINI E., Kiss M.A.P.D.M., BOEHME M.T., MATSUSHIGUE K.A., UEZU R., et al. Evolução da altura de salto, da potencia anaeróbia e da capacidade anaeróbia em jogadoras de voleibol de alto nível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 26: 99-109, 2004.

TRAPÉ, A.A.; PRODÓCIMO, E.; MORENO, J.A. **Análise do Estresse Psíquico em Atletas Infanto-juvenis de Voleibol Feminino.** In: Brandão, M.R.F.; Machado, A.A. (Eds.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O Voleibol e a Psicologia do Esporte. v.5, p. 115-134. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

UGRINOWITSCH, C.; UEHARA, P. Modalidades esportivas coletivas: o voleibol. **Modalidades esportivas coletivas**, v. 1, p. 166-179, 2006.

VASCONCELLOS, E.G. **O modelo psiconeuroendocrinológico de stress.** In: L. Seger, Psicologia e Odontologia: uma abordagem integradora. São Paulo, Livraria Santos, p. 25-47, 1992.

VIEIRA, L.F.; VISSOCI, J.R.N.; OLIVEIRA, L.P. **Etapas do Processo de Intervenção Psicológica em Equipes de Voleibol de Alto Rendimento.** In: Brandão, M.R.F.; Machado, A.A. (Eds.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O Voleibol e a Psicologia do Esporte. v.5, p. 115-134. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

WARD, D.G.; SANDSTEDT, S.D.; COX, R.H. et al. Athlete-Counseling Competencies for US. Psychologists Working sith Athletes. **The Sport Psychologist, Human Kinetics**. V. 19, p. 318 – 334, 2005.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of Sport and Exercise Psychology.** Human Kinetics. Champign, 1995.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício.** Tradução: Cristina Monteiro. 4º Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

WEINECK, J. **Manual de treinamento esportivo**. 2 ed. São Paulo, Editora Manole Ltda, 1989.

ANEXOS

Anexo 1: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas

FACULDADE DE CIENCIAS MEDICAS - UNICAMP (CAMPUS CAMPINAS)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Síndrome do Terceiro Set no Voleibol
Pesquisador: PAULA TEIXEIRA FERNANDES
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 32004714.3.0000.5404
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 709.846
Data da Relatoria: 24/06/2014

Apresentação do Projeto:
Estudo que tem o objetivo de entender quais os fatores que influenciam na queda de rendimento de atletas no terceiro set de uma partida de voleibol, procurando por fatores psicológicos que mais influenciam na queda de rendimento observada.

Objetivo da Pesquisa:
No mundo esportivo, cada modalidade apresenta suas características próprias, bem como um planejamento de treino adaptado às exigências técnicas, táticas, físicas e psicológicas. Para tal, é necessário um acompanhamento de todas as variáveis do treinamento que estão associadas ao desempenho dos jogadores durante o estágio de competição. Contudo, o que tem se observado é que, no planejamento de treino, a comissão técnica tradicionalmente privilegia componentes técnicos, táticos e físicos, oferecendo pouco ou quase nenhum enfoque nos fatores psicológicos. No entanto, estar fisicamente bem, com um alto nível técnico e tático não adiantariam de nada, se influências psicológicas são fortes o suficiente para reduzir o desempenho do atleta. Sendo assim, vários autores têm mostrado a importância de se conhecer a influencia dos fatores psicológicos no rendimento esportivo.

O presente estudo visa detectar quais são os principais fatores psicológicos que influenciam na queda de desempenho de atletas de voleibol durante o terceiro set de uma partida, onde os dois

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

primeiros sets foram ganhos com a apresentação de um elevado nível físico, técnico e tático.

O voleibol foi escolhido porque extrapola todos os outros esportes coletivos quando se trata da questão psicológica, uma vez que a equipe não tem contato físico com a equipe adversária e o espaço a ser ocupado pelas equipes é delimitado por uma rede, não podendo ser invadido.

Entende-se como "Síndrome do Terceiro Set" a partida em que a equipe apresenta alto nível físico, técnico e tático nos dois primeiros sets da partida mas no terceiro set, que seria o decisivo, sofre uma queda de rendimento, perdendo o set e deixando que o jogo prossiga.

Nesse sentido, torna-se relevante que se estude quais são os fatores que interferem durante o jogo de voleibol, fatores esses capazes de gerar uma queda abrupta de rendimento de um time que apresentava alto nível físico, técnico e tático.

Critérios de Inclusão: participantes do time de voleibol feminino da Sociedade Hípica Campinas - categoria infanto-juvenil (17 a 19 anos) - população estimada em 20 praticantes.

Metodologia:
Será mantido um conato diário do pesquisador com a equipe técnica que informará, nos dias dos jogos, se a equipe de voleibol enfrentou a queda de rendimento no terceiro set da partida.
Se confirmada a queda de rendimento, no treino subsequente ao jogo, a pesquisadora irá até a sede do clube e aplicará às voluntárias os seguintes questionários:
a) uma ficha de identificação (nome, sexo, idade e jogo ao qual se refere o questionário)
b) um questionário sobre percepções do jogo (isto é, como a jogadora avalia o seu desempenho e o da equipe, com espaço para comentários, assim como o que acredita ser necessário para melhorar a performance no próximo jogo) e
c) uma tabela com 37 itens no qual o atleta deve informar o quanto essa situação teve influência sobre o seu desempenho na partida, assinalando de 1 a 3, sendo 1 equivalente a muito, 2 a nada e 3 a pouco.
Juntamente com os questionários, será entregue o scout do jogo, para avaliar do desenvolvimento da equipe durante os sets.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos: não há riscos previsíveis (aplicação de questionários; tempo estimado: 20 minutos)

Benefícios:
Os benefícios dessa pesquisa englobam descobertas e correlações quanto a verificação de quais fatores mais influenciam no desempenho de atletas de voleibol em sets decisivos; fornecer ferramentas à comissão técnica e, principalmente aos atletas, para o domínio de emoções e assim solucionar problemas sem perder o domínio sobre si mesmo; e ainda ser base para o desenvolvimento e planejamento de treino para os jogadores de voleibol, no tocante ao aspecto psicológico da modalidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Título do projeto na folha de rosto, nome do pesquisador responsável na folha de rosto e
Nome da representante da unidade proponente estão adequados.
Há carta de anuência da "Sociedade Hípica Campinas", coordenação do time de voleibol (categoria infanto-juvenil - idades entre 17 e 19 anos).
- Cronograma adequado, com previsão de coleta de dados entre agosto de 2014 e janeiro de 2015.
- Orçamento de R$150,00. Esse orçamento é compatível com o orçamento de um projeto de pesquisa realizado sobre aplicação de questionários, financiado pela própria pesquisadora.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
A pesquisadora disponibiliza dois TCLEs: um para praticantes menores de idade (que deverão ser lidos e assinados pelos seus pais) e para praticantes maiores de idade.
TCLE apresenta linguagem acessível ao sujeito da pesquisa, justificativa, objetivos e descrição de procedimentos, informações sobre Desconfortos, riscos e benefícios, garantia de esclarecimentos, liberdade na recusa ou retirada do consentimento e Garantia de Sigilo sobre a fonte de dados, faz menção ao TCLE assinado em duas vias , menção ao CEP em caso de abusos ou reclamações de cunho ético e apresenta nome e contato com o pesquisador da pesquisa. Os documentos estão adequados e condizentes com os preceitos da Res. CNS 466-2012.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Em reunião do colegiado do dia 24/06/2014 - Aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

- Se o TCLE tiver mais de uma página, o sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas desse documento, apondo suas assinaturas na última página do referido termo (Carta Circular nº 003/2011/CONEP/CNS).

- Cabe ao pesquisador desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado, elaborar e apresentar os relatórios parciais e final, bem como encaminhar os resultados para publicação com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto (Resolução 466/2012 CNS/MS). Os relatórios deverão ser enviados através da Plataforma Brasil- ícone Notificação.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo deverão ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada (com destaque) e suas justificativas. As modificações deverão ter parecer de aprovação deste CEP antes de serem implementadas.

CAMPINAS, 05 de Julho de 2014

Assinado por:
Fátima Aparecida Bottcher Luiz
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

Anexo 2: Questionário

Nome: _____ **Nasc.**___/___/___ ( ) **M** ( ) **F**
Escolaridade: ( ) 1º grau - série _____ ( ) 2º grau - série _____ ( ) 3º grau
Telefone para contato: _____
E-mail: _____

Jogo Referente:

_____

1) De 0 a 10, qual a nota que você dá para o seu desempenho nessa partida?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

2) De 0 a 10, qual a nota você dá para o desempenho da sua equipe nessa partida?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

3) Em sua opinião, qual foi o fator que mais influenciou no resultado da partida?
( ) erros da nossa equipe
( ) erros da equipe adversária
( ) torcida a favor
( ) torcida contra
( ) erros da arbitragem
( ) Outros: _____

4) Em sua opinião, o que precisa ser melhorado para a próxima partida?
_____
_____
_____

5) Você acredita que exista a "Síndrome do Terceiro Set"?
( ) Sim ( ) Não
Como você definiria essa "Síndrome do Terceiro Set"?
_____
_____
_____

6) Por favor, assinale com um X os números 1, 2 ou 3 na escala ao lado de cada situação mostrando, em sua opinião, o quanto esta situação teve influência sobre seu desempenho durante a partida.

	SITUAÇÕES	**MUITO 1**	**NADA 2**	**POUCO 3**
1	Erros no início do jogo			
2	Erros no final do jogo			
3	Ser o favorito			
4	O adversário ser o favorito			
5	Pressão dos outros para vencer			
6	Pressão de si mesmo para vencer			
7	Maus resultados nos jogos anteriores			
8	Falta de preparo físico adequado			
9	Falta de preparo psicológico adequado			
10	Conflitos com o treinador ou técnico			
11	Conflitos com os colegas do time			
12	Bom rendimento inesperado do adversário			
14	Mau rendimento nos treinos			
15	Críticas do treinador, técnico na competição			
16	Críticas dos colegas na competição			
17	Críticas da torcida			
18	Nervosismo exagerado			
19	Dor			
20	Insegurança			
21	Ansiedade exagerada			
22	Condições inadequadas de treino			
24	Falta de reconhecimento			
26	Não saber lidar com os próprios erros			
27	Ser substituído			
28	Ficar na reserva			
30	Falhas na arbitragem			
31	Excesso de treinamento			
33	Já ter perdido para o mesmo adversário			
34	Lesões durante o jogo			
35	Entrar no jogo machucado			
36	Outros: _____			

7) Caso queira, deixe abaixo algum comentário sobre o jogo ou sobre o seu desempenho ou o que você quiser.

_____

_____